



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JAQUELINE XAVIER PEREIRA**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-47

**Entrevistado:** Jaqueline Xavier Pereira

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Luanda Dutra

**Data da entrevista:** 17/10/2003

**Transcrição:** Luanda Dutra

**Conferência Fidelidade:** Vicente Cabrera Calheiros

**Copidesque:** Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Vicente Cabrera Calheiros

**Fitas:** (01 fita) 47/01-A

**Total de gravação:** 30 minutos

**Páginas Digitadas:** 14

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 02097/2009/01

**Número de registro da fita:** 02097/2009/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

PEREIRA, Jaqueline Xavier. *Jaqueline Pereira (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2009.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o remo; treinamentos; apoio da família; prática do remo pelas mulheres; vida profissional; apoio do clube, federação; declínio do remo; clubes que competiu; competições que marcaram sua vida; rivalidade entre os Estados; infra-estrutura dos clubes.

Porto Alegre, 17 de outubro de 2003. Entrevista com Jaqueline Xavier Pereira, a cargo da entrevistadora Luanda Dutra, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Jaqueline, tu podia nos dizer como é que tu entrou nessa vida do esporte, como é que tu se aproximou do esporte?

J.P. - Eu me aproximei do esporte, especificamente o remo, quando meu pai me trouxe pela primeira vez no clube, aqui no Guaíba Porto Alegre<sup>1</sup>, no atual GPA, como todos conhecem. Ele me trouxe aqui numa festa da Nossa Senhora dos Navegantes e eu vi o pessoal chegando, antes da procissão chegar no Estádio Náutico, eu tinha visto uns remadores chegando no clube, encostando o barco na rampa, colocando para dentro, tirando os remos, o pessoal que chegava remando, aquilo me chamou atenção. E eu perguntei para o meu pai se mulheres também remavam e meu pai disse que sim, que tinha uma moça que remava. Aí o meu pai me apresentou para o treinador, que naquela época era o Moacir<sup>2</sup> e o Moacir disse: “olha, quem sabe tu vem aqui, faz uma semana de treinamento no tanque” - que é no tanque que a gente começa aprender a remar – “e aí tu vê se tu gosta ou não, porque olhar é uma coisa, remar é outra bem diferente”. Aí eu disse que tudo bem. Eu vim na outra semana, fiquei uma semana no tanque remando. Fiquei com minhas mãos cheias de bolhas, toda suja de graxa, mas eu continuei, achei muito legal, porque o que eu queria era entrar no rio para remar. E, enquanto eu não aprendesse a remar no tanque, eu não poderia entrar no rio. Passou-se uma semana e eles me deram um ‘canoe’, que é o primeiro barco que a gente aprende a remar na água, que aí vem com dois remos. Eles me ensinaram a mexer com os dois remos, que até então eu não sabia coordenar direito, depois com o tempo a gente vai pegando a coordenação de como puxar um remo, depois puxa o outro, as pernas, posição, o carrinho e eu fui me acertando e fui indo, fui treinando, gostei. Vinha todos os dias de manhã. O meu irmão vinha junto comigo - o Jackson<sup>3</sup> - e eu sempre tinha companhia e tinha o pessoal da escolinha. Sempre ficava aqui pela frente remando, depois em seguida quando eu estava mais assim, acho que

---

<sup>1</sup> Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre. Originado em 28 de novembro de 1936 da fusão do antigo Ruder-Club Porto Alegre e do antigo Ruder-Verein Germânia. Manteve como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21/11/1888), sendo, por isso, o GPA o clube de remo mais antigo do Brasil.

<sup>2</sup> Nome sujeito a confirmação

fortalecida em termos de sair sozinha para remar, não precisava ter alguém me observando, eles me ensinavam: “olha, tal vento quando começar a soprar nessa direção tu volta porque é chuva ou temporal”. E eles me liberaram para fazer a volta da Ilha do Gás<sup>4</sup>.

L.D. - Onde fica a Ilha?

J.P. - É aquela ilha ali ó. Primeira ilha, foi a primeira ilha que eu fiz a volta. Sozinha! E voltei, tudo bem, levei uns 45 minutos, acho que 50 minutos, não me lembro, que eu fazia. Depois eu só ia até ali e voltava. Depois eu comecei a ir até a ilha do GPA, fazer a volta na ilha do GPA e só ficava por ali. Depois me liberaram para fazer a volta da Ilha do Pavão<sup>5</sup>, que é onde fica a sede do Grêmio Náutico União<sup>6</sup>. Aí começava a fazer a volta, depois fazia as duas ilhas: que era a Ilha do Pavão e a Ilha do Gás.

L.D. - Que horas tu treinava?

J.P. - Ah! De manhã cedo, oito horas eu começava a treinar e saía daqui dez horas, porque eu tinha que ir para casa, tomar banho, almoçar e ir para o colégio, que naquela época eu estava terminando de fazer o segundo grau.

L.D. - Que ano era isso mais ou menos?

J.P. - Ah! Eu acho que oitenta e seis, oitenta e quatro, oitenta e três... Eu acho que era oitenta e dois.

L.D. - Oitenta e dois (1982)?

J.P. - É, não tenho assim... Depois tem que olhar ali nas reportagens. Eu acho que era oitenta e dois, oitenta e um ou oitenta e dois.

---

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>4</sup> Ilha pertencente ao Delta do Jacuí em Porto Alegre

<sup>5</sup> Ilha pertencente ao Delta do Jacuí em Porto Alegre, onde atualmente encontra-se uma das sedes do Grêmio Náutico União

<sup>6</sup> Grêmio Náutico União. Fundado em 1º de abril de 1906.

L.D. - Jaqueline, tu disse que teu pai te trouxe, ele era sócio?

J.P. - Sim, sim, nós éramos sócios do clube.

L.D. - Alguém remava da família fora tu?

J.P. - O meu pai foi remador do Clube de Regatas Flamengo<sup>7</sup>, no Rio de Janeiro<sup>8</sup>. Ele remou lá no Rio. Na época que ele estava servindo no exército, meu pai... Eles iam naquela época nessas entidades, nesses lugares e convidavam os rapazes para remar. E o meu pai foi, aprendeu a remar, fez parte da equipe do Flamengo, depois ele saiu, acabou a época dele, que ele serviu no exército e aí ele veio embora do Rio, do Rio de Janeiro pro Rio Grande do Sul. E depois não teve mais assim, ele não continuou treinando, ele só vinha e participava do clube. Mas não remou aqui no clube, no GPA ele não remava.

L.D. - Por que essa aproximação que tu teve do remo assim, era um esporte que era praticado por uma maioria de homens, não é?

J.P. - É, é.

L.D. - Aí tu foi, uma mulher e tal, como o GPA se adaptou?

J.P. - Aceitou? Na época que eu comecei já tinham moças remando. Tinha uma outra que remava, que era campeã de *skiff*, que depois que eu comecei a treinar, dois anos em seguida assim eu já ganhei dela. E o que me chamou a atenção era o contato com a água, acho que a natureza e era um esporte diferente.

L.D. - Diferente do que é hoje tu diz?

J.P. - Diferente na maneira de chamar atenção, porque o que é o normal? Tu vê mulheres correndo, participando de maratona, de atletismo, de natação e era pouco a divulgação. Por que não ter mulheres no remo feminino? Por que eu não posso começar?

---

<sup>7</sup> Clube de Regatas Flamengo, fundado em 17 de novembro de 1895 na cidade do Rio de Janeiro

<sup>8</sup> Cidade Brasileira

L.D. - Começar?

J.P. - Porque não era muito difundido. Por que eu não posso começar e dar o início e dar uma nova visão desse esporte? Porque se tu olhares bem, se tu pensa assim, é muito esforço que tu vai fazer, mas na verdade não é muito esforço não, mais é dedicação. Que aí depois entra toda aquela parte fisiológica, que tu tem que estar bem preparada, bem condicionada e também psicologicamente. Tu tem que ter... Eu acho que é um esporte que exige objetivos, tem que ser bem objetiva, tem que ter uma meta. Porque treinar para uma competição, por exemplo, de 2.000 metros, no de *skiff*, não é fácil. Às vezes tem atletas que para essa modalidade, tanto na categoria feminina ou masculina, que eles ficam quase seis meses treinando para uma competição só, que pode ganhar ou perder, entendeu? Que ela é bem disputada.

L.D. - O remo é um esporte que exige um pouco de sacrifício do remador?

J.P. - Eu não diria pouco, eu diria muito sacrifício. Porque para ti ter um bom desempenho, tu treina... Uma vez por dia não dá para treinar. Tu tem que treinar duas vezes por dia e tem que ser um treino assim, que tu vai treinar... Tu tem que botar toda a tua atenção para aquilo. Porque se tu for treinar... Tu está treinando, remando e está pensando no que tu vai fazer de noite, tu não está treinando.

L.D. - Tem que estar concentrado naquilo...

J.P. - Uma coisa liga a outra, uma coisa liga a tua parte - como eu diria? - a tua musculatura tem que estar ligada com o teu psicológico, porque é um condicionamento, eu acho assim. Porque participar de uma competição, tanto de curta distância ou de longa distância, ela é um pouco torturosa, porque vai começar a doer a perna e tu tem que te manter, tu tem que ter um equilíbrio. Tipo assim: “Não posso cansar agora!”. Tem que ir até o final. Eu já cheguei assim em competições, como no Fita Azul que é uma competição *muito* disputada, de dois mil metros. Quando eu chegava nos últimos 500 metros, eu ainda não estava em primeiro lugar e eu ainda tinha mais 500 metros pela frente e já estava com dor na perna. E eu tinha aquilo em mente: “eu quero ganhar”, então eu superava aquela dor exaustiva e ia até o fim. Às vezes ganhava assim de meio barco de diferença e é uma dor

que vai te castigando, porque ela vai... Parece que vai te beliscando a perna, ela vai te levando a exaustão.

L.D. - Tu sabe que... Como é que tu via o cenário do remo, o remo não ocupava... Não é um esporte de destaque, hoje não é, mas já foi.

J.P. - Já foi! Atualmente está parado e eu não sei porque parou isso. Na época que eu estava remando, tinha *bastante* divulgação, depois parou. Eu não sei o que envolve, se é interesse da imprensa ou se é financeiro, eu não sei o que é. Porque tem remadores muito bons. Eu não sei se é o clube que não deixa fazer a divulgação, não saberia te dizer o que é. Porque remadores tem, tem mulheres remando.

L.D. - E tu te considera uma atleta amadora ou tu ganhava, tu era uma profissional? A profissional do GPA?

J.P. - Não. Eu não posso... Eu não me considerava uma profissional, apesar de que eu ganhava, recebia sim, uma quantia em dinheiro, mas era um valor bem irrisório, não tinha assim um ponto de referência, tipo assim - vou viver só disso. Então por isso, por não... Por essa quantia não me dar prioridade de viver só de remo, eu não me considero como se eu fosse uma profissional Então... Acho que amadora, eu acho que ficaria mais amadora, porque além de treinar eu tinha que procurar um outro subsídio.

L.D. - Para sustento próprio.

J.P. - Para sustento próprio, porque só o dinheiro que eu recebia, era um tipo assim para pagar passagem, para uma refeição, para comprar um par de tênis, só para isso assim.

L.D. - E como é... Tu disse que começou a remar em 82 (1982)...

J.P. - É, mais ou menos nessa data.

L.D. - É, mais ou menos. E não tinha muitas mulheres remando, como é que foi?

J.P. - Não, não tinha. Eu me lembro naquela época era eu aqui no GPA, tinha a Marisa<sup>9</sup>, tinha a Dulce<sup>10</sup> lá do União, tinha uma outra menina que eu não lembro o nome, que era aqui do Barroso<sup>11</sup>. Eram poucas, aqui em Porto Alegre<sup>12</sup>, agora no resto do Brasil tinha outras meninas, tinha meninas em São Paulo<sup>13</sup>, tinha muitas meninas. Em Santa Catarina<sup>14</sup> naquela época não tinha, se está tendo, é agora, é coisa mais recente, de uns oito anos para cá. Paraná<sup>15</sup> também, não tenho lembranças de competir... Nunca competi com nenhuma menina do Paraná. Do Espírito do Santo<sup>16</sup> já competi, com meninas do Espírito do Santo, de Brasília<sup>17</sup>, só e do Rio.

L.D. - Tu nunca sofreu, sei lá, alguns colegas, amigos teus...

J.P. - Discriminação?

L.D. - É. “Ah, tu é remadora, ai remadora”...

J.P. - Que eu me lembre, não. Não, nunca sofri nenhuma discriminação por causa disso. Até eles me respeitavam bastante assim e me aceitavam, é claro que, quando nós fazíamos... Na época quando eu comecei depois a treinar no União, a gente fazia corrida, a gente subia o morro da Embratel<sup>18</sup>, acho que é na Embratel, o morro que tem ali. Então eu sempre corria com os meninos, eu era a única mulher que corria com eles. E eu conseguia chegar junto com os meninos júnior na corrida, que a gente começava ali na frente do Zaffari<sup>19</sup> da Ipiranga<sup>20</sup> e subia até lá em cima. Dava uma hora e... Uma hora e dez minutos correndo.

---

<sup>9</sup> Marisa de Moraes Lisbôa

<sup>10</sup> Dulce D'Ávila Bandeira

<sup>11</sup> Clube de Regatas Almirante Barroso, fundado em 26 de fevereiro de 1905

<sup>12</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>13</sup> Estado Brasileiro

<sup>14</sup> Estado Brasileiro

<sup>15</sup> Estado Brasileiro

<sup>16</sup> Estado Brasileiro

<sup>17</sup> Cidade Brasileira

<sup>18</sup> Morro da Polícia, localizado entre os bairros Glória e Partenon é também conhecido como Morro da Embratel. Seu nome se deve ao fato de estar próximo ao presídio central, o seu segundo nome surgiu quando passou a ser o domicílio de uma antena da Embratel.

<sup>19</sup> Supermercado da capital gaúcha

<sup>20</sup> Importante avenida de Porto Alegre

L.D. - Deixa eu só pausar um pouquinho.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.D. - Jaqueline fala um pouco assim da tua vida profissional.

J.P. - A minha vida profissional... Bom, eu terminei a minha faculdade, eu fiz faculdade de licenciatura em Biologia, fiz na ULBRA<sup>21</sup>, e em seguida eu peguei um contrato no Estado e depois também em seguida que eu comecei um contrato, abriu concurso, fiz concurso, passei, eu tenho dois concursos, tenho um concurso para o Ensino Fundamental e para Ensino Médio, eu passei nos dois direto e já assumi. Atualmente eu sou funcionária pública do Estado. Trabalho, eu sou concursada por Canoas<sup>22</sup>, moro em Porto Alegre, trabalho numa escola muito boa, no centro de Canoas, gosto muito da minha profissão. Não é fácil ser professor, não é fácil! Lidar com pessoas, as diferenças, é tão difícil, tu não faz idéia. Às vezes a gente leva um ano para conhecer uma pessoa. Não é fácil.

L.D. - E como era ser atleta daqui, no caso de Porto Alegre? Tu disse que São Paulo, Rio de Janeiro de repente eram capitais que tinha mais... Que tipo de apoio tu recebia da Federação do teu próprio clube? Se era muito difícil tu te deslocar para as competições? Como é que tu via isso?

J.P. - Apoio eu sempre tive do clube, sempre apoiava, eu tinha o barco que o clube me cedia, os remos, o treinamento, o treinador, eu sempre fui bem acompanhada, nesse aspecto eu não posso reclamar que eu sempre fui bem acompanhada. A Federação também me acompanhava muito bem, não tenho reclamações. Financeiramente, às vezes quando precisava o meu pai desembolsava algum valor em dinheiro, mas raramente foi necessário, porque o clube sempre me pagava passagem, pagava hospedagem, alimentação, fornecia roupa para competição, então eu nunca tive problemas nesse aspecto.

L.D. - A Federação não se responsabilizava por esta parte?

---

<sup>21</sup> Universidade Luterana do Brasil, localizada na cidade de Canoas

<sup>22</sup> Município da região metropolitana de Porto Alegre fundado em 1939

J.P. - Por esta parte? Olha, que eu me lembre não. Eu não tenho lembrança assim, que um dia a Federação venha ter me pago uma competição, investido em alguma competição para mim ir em termos financeiros, eu não me lembro assim, mas sempre era o clube que pagava as minhas viagens, os custos.

L.D. - E as Regatas Femininas aqui, como é que tu acha que eram...

J.P. - [tosse] Desculpa. Tinham épocas que eram bem disputadas, depois foi tendo épocas que eu competia com as minhas próprias colegas de clube. Porque os outros clubes não tinham. Eu competia... Nos últimos anos que eu competi aqui em Porto Alegre, eu vinha competindo com as próprias colegas de clube, porque não tinha nos outros.

L.D. - Não tinha?

J.P. - Não tinha.

L.D. - E o União sempre foi um pólo do remo, sempre foi destaque.

J.P. - Foi, é. Foi o último clube que eu treinei, foi no grêmio Náutico União.

L.D. - Tu recebeste uma proposta para ir do GPA para o União?

J.P. - Isso, é. Eu comecei no GPA, aprendi a remar do GPA e depois o União me convidou e eu fui para lá. E acabou que quando depois, antes de eu ir pro Rio de Janeiro, eu competia com minhas próprias colegas, não tinha graça, porque a gente treinava junto, a gente se conhecia, a gente sabia, eu sabia onde é que era o ponto fraco delas, porque eu era muito, eu sou muito observadora. Então nisso, nesse aspecto, eu me dava muito bem nas competições, porque eu também aprendi a olhar o erro, o defeito, eu nunca contei isso para ninguém, mas me ensinaram a olhar o defeito dos outros. Quem me ensinou isso foi um ex-treinador do União, o Manski<sup>23</sup>, ele me ensinava a olhar os defeitos dos remadores.

L.D. - Para ti poder...

J.P. - Para mim poder então ficar sabendo de primeira mão [risos], é uma tática que eu usava, e sou muito contemplativa, eu tinha essa válvula de escape. Me dava muito bem nas competições, porque eu observava o remador passando e pegava aquilo ali, eu sabia aonde eu podia... Como é que a gente diria assim, onde é que eu poderia exterminar ele e ganhar dele.

L.D. - Tu diria que foram anos bons da tua vida dentro do remo? Ou tu passou por alguma dificuldade que te marcou muito alguma vez?

J.P. - Não, não. Eu acho assim, eu gostei muito de treinar, eu gostei muito de remar no GPA, que foi onde eu comecei, eu tenho boas lembranças, tanto que eu estou agora aqui dando a entrevista aqui no GPA, porque aqui eles me recebem muito bem. Eu saí daqui muito bem e sou recebida até hoje muito bem, eles nunca ficaram chateados porque eu troquei eles pelo União. Eu sou muito bem recebida. E no União também, eu sempre fui bem recebida lá, sempre me trataram muito bem. Depois quando eu fui pro Rio de Janeiro no Botafogo<sup>24</sup>, lá também eles me receberam muito bem. Não tive problemas, nunca tive assim problemas...

L.D. - Essas trocas de clubes que tu fazias, era por causa financeira? Eles te patrocinavam?

J.P. - É. Eles me convidaram do União, depois o Botafogo me convidou pra remar lá e eu fui, porque lá eu teria mais condições de viajar. Lá eu viajei pro exterior, do Rio, quando eu passei pro Rio de Janeiro eu viajei pro exterior.

L.D. - E muitas pessoas faziam isso?

J.P. - Faziam, faziam, faziam. Porque lá eu não sei o por quê, mas aparece, surge mais convites. Naquela época surgiam mais convites para regatas. Tanto quando me questionaram no União: “Ah, por que tu está saindo do clube? Tu não gosta? Nós fizemos alguma coisa que não tenha gostado?”. E eu disse: “Não!”. “Então por que tu está saindo?”. “Eu estou saindo porque lá eu acho que tenho mais oportunidades para viajar

---

<sup>23</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>24</sup> Clube de Regatas Botafogo, fundado em 1º de julho de 1894

para fora do país, competir internacionalmente”. E eles não me perguntaram mais nada e aceitaram e eles ainda me deram um mês, disseram assim: “Tu vais e fica um mês lá, se tu não quiseres, tu volta que a gente te aceita aqui, nós gostamos muito de ti, do que tu fazes”. Aí eu não voltei, eu fui e fiquei. E Depois eles liberaram minha documentação, não teve nenhum problema. E lá no Rio de Janeiro eu viajei bastante, competi fora, eu viajei, eu fui para Argentina, eu participei de um curso na Argentina com Ricardo Ibarra<sup>25</sup>. Eu competi, eu fui ao México duas vezes competi lá, na Cidade do México, eu fui a Amsterdã<sup>26</sup>, mas em Amsterdã eu fui somente acompanhar uma equipe de veteranos.

L.D. - E tu chegou... O que tu acha que o remo morreu assim? Eu digo morreu, porque não é tão... Sempre foi esporte em outras capitais, aqui a gente tem o Guaíba tão perto e não se destaca?

J.P. - Pois é, eu não... A gente até hoje estava conversando a pouco ali com o pessoal, sempre quando me perguntam isso e todos se perguntam e a gente não acha respostas, por que? Porque que não... Pára, não se desenvolve, inicia e termina logo, sabe, eu não sei o que dizer.

L.D. - É, tu não tens uma opinião formada...

J.P. - É, eu acho que aí estaria uma boa tese...

L.D. - De pesquisa.

J.P. - Uma boa pesquisa, uma dissertação de mestrado, ou uma tese doutorado. Para saber porque que se inicia e depois não tem continuidade este trabalho.

L.D. - Tu tens alguma competição que te marcou? Eu queria que tu relatasse uma para nós, como que era o cenário, uma atleta brasileira, diferente....

---

<sup>25</sup> Treinador Argentino, nascido em 1950

<sup>26</sup> Capital da Holanda

J.P. - É, assim, tem competições assim que me marcaram, por exemplo, a primeira que me marcou muito foi quando eu tava aqui no GPA e eu ganhei da campeã brasileira de remo. Me marcou muito assim, foi manchete em jornal, em seguida com essa, que eu ganhei dessa menina, o União veio e me convidou pra remar lá. Aí depois que eu fui pro União, o que me marcou também foi o primeiro campeonato Fita Azul que eu ganhei.

L.D. – Tu me falastes...

J.P. – Que eu ganhei lá, que também me marcou muito assim, foi uma competição tão bonita, que eu ganhei de novo dessa menina, e de outras, tinham doze atletas. E a final só poderia ter seis atletas na raia, então teve eliminatórias no sábado e eu ganhei na eliminatória, e aí nós fomos para final no domingo, eram seis meninas na raia no domingo. E eu ganhei de novo dela. Foi muito bonita. E depois, uma outra competição que me marcou, já quando eu estava no Rio de Janeiro, quando eu viajei para Cidade do México, que eu ganhei de uma cubana lá. Eram duas mexicanas, eu e mais duas cubanas, e nós estávamos disputando o terceiro lugar, só que ela ganhou de bolinha de proa de mim. Foi uma competição linda, linda, linda, linda!!! Porque a gente saiu, nós demos... Eram dois mil metros, e nós demos a largada e olha que tinha todo o problema de altitude, eu estava a mil e quinhentos metros acima do nível do mar. E eu estava há uma semana, não, é, uma semana. Eu saí segunda-feira do Rio de noite, eu cheguei no México na terça-feira e a competição era no domingo. E eu estava com o problema todo da altitude, da captação de oxigênio, aquela adaptação do organismo. Mas foi uma competição linda, porque nós saímos juntas e ela era uma campeã pan-americana, essa menina. Nós saímos juntas, largamos e nós viemos, e nós não dávamos folga uma para outra. Foi uma competição linda! Foi a... Dentro da competição, essa disputa, pelo terceiro lugar foi a parte mais linda da competição. Porque era eu competindo, dava uma remada, ela passava, eu dava outra e passava, sabe, era assim. E ela ganhou de mim de bolinha de proa. Assim, milésimos de segundo, foi uma competição, linda, linda, linda, linda! Foram três competições que me marcaram, só que infelizmente ela ganhou de mim por bolinha de proa. Daí ela ficou com o terceiro lugar e eu com o quarto. Mas eu acho assim, que se eu tivesse dado uma remada mais forte eu teria ficado com o terceiro lugar. Mas foi, para mim foi linda.

L.D. – E a rivalidade entre os clubes, entre as cidades? Como é que era, era muito grande? Por que aqui no Rio Grande do Sul tu remava com colegas do próprio clube. Mas e no Rio de Janeiro, tinha alguma rivalidade?

J.P. – Tinha, eu competia com as meninas... Naquela época o Flamengo<sup>27</sup> não tinha meninas. Eu competia com as meninas do próprio Botafogo, que eram minhas colegas e com as meninas do Vasco<sup>28</sup>. Aí, depois de um ano, mais ou menos passado quase um ano que eu estava lá, aí o Flamengo começou a colocar meninas, porque quando eu comecei a remar lá, eles apenas tinham meninas na escolinha. Depois quando elas sentiram que elas estavam fortes, elas começaram a botar elas para competir comigo. Eu já tinha mais adversárias, tinha o Flamengo, tinha o Vasco, tinha eu, às vezes vinham meninas de outros Estados, que eram ali pertinho, o Espírito Santo, elas vinham competir...

L.D. – Qual era a infra-estrutura que tu recebia diferente daqui? Qual a infra-estrutura que o Botafogo tinha?

J.P. – A infra-estrutura que o Botafogo me dava?

L.D. – Te deu casa?

J.P. – Eu morava no clube. Morava no clube. As viagens, a única diferença, eram as viagens que eles proporcionavam. E remos de fibra de carbono, bons, barco bom, eu tinha um barco muito bom também.

L.D. – Então tá, Jaqueline. Eu queria ver, eu sei que tu é uma pessoa muito, muito ocupada, cada vez mais ocupada. Não, no dia 26, eu vou fazer uma apresentação no SIC, se tu quiser... SIC é o Salão de Iniciação Científica da UFRGS<sup>29</sup>, só da área... De todas as áreas, mas a Educação Física está com cinquenta trabalhos e um deles é sobre o remo, então eu estou te convidando se tu quiseres ir.

J.P. – Ah, tá muito obrigada. Dia 26?

---

<sup>27</sup> Clube de Regatas do Flamengo, fundado em 15 de novembro de 1895

<sup>28</sup> Club de Regatas Vasco da Gama, fundado em 7 de abril de 1924

L.D. – Isso, às seis e meia. É dia de semana.

J.P. - É dia de semana isso?

L.D. - É.

J.P. - Eu vou anotar aqui... Dia 26.

L.D. - E eu queria agradecer a tua entrevista, porque tu és uma mulher muito atenciosa e tu tens paixão pelas coisas que tu fala.

J.P. – Ah, eu gosto de falar essas coisas assim que marcam a gente. É tão difícil tu encontrar uma pessoa que te pergunte assim as coisas detalhadas.

L.D. – Estava muito bom conversar contigo, e eu queria deixar... Eu vou transcrever essa fita e eu gostaria de saber se eu posso voltar para entrevistar ou perguntar mais coisas?

J.P. – Pode, pode, tu podes me ligar, tu tens meu telefone, tu podes me ligar, não tem problema, a gente pode conversar de novo, agora, se eu arranjo... A gente sempre arranja um tempinho, e eu também tenho material que eu vou deixar contigo para tu expor, não sei se tu tens interesse, porque eu tenho... O material que eu tenho, que eu trouxe para ti é do Fita Azul, que eu fui quatro vezes consecutivas campeã do Fita Azul do remo brasileiro, que é feito... Era realizado em São Paulo. Atualmente, eu não sei se eles realizam essa competição. E era uma competição que eles reuniam todos os remadores do Brasil. Então tinha *muitos* remadores, *muitos* remadores lá, todos, a gente se encontrava, eu tinha assim conhecidos: “Ah, vamos nos encontrar no próximo Fita Azul”. Entendeu? Era assim que a gente se encontrava.

L.D. - Era anual?

---

<sup>29</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

J.P. - Era anualmente, uma vez por ano, essa competição. Uma competição linda, que era patrocinada pelo Clube Esperia<sup>30</sup> e a Federação Paulistana de Remo.

L.D. - Então tá, obrigada Jaqueline.

J.P. - De nada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>30</sup> Tradicional clube de Remo da cidade de São Paulo, fundado em novembro de 1899